

ORGANIZADORA
ANA TAÍS MARTINS

INFOCOMUNICAÇÃO

MEO AMBIENTE

TRAJETÓRIAS FRONTEIRAS

METODOLOGIA DE PESQUISA
EM COMUNICAÇÃO

CORPORALIDADES temas, PERSONA
heurísticas,

RADIOJORNALISMO objetos IMAGNÁRIO

TEMPORALIDADE

SÃO PAULO • 2021 •



pimenta
intertexto

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

| | |
|--|---|
| Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i> | Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i> |
| Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i> | Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i> |
| Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i> | Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i> |
| Alexandre Antonio Timbano <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i> | Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> |
| Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i> | Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i> |
| Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i> | Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> |
| Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i> | Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i> |
| Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i> | Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i> |
| Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i> | Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i> |
| Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i> | Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i> |
| Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> | Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> |
| Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i> | Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i> |
| Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i> | Emanoel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> |
| Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i> | Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i> |
| Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i> | Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i> |
| Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i> | Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i> |

Direção editorial Patricia Biegging
Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas Marcelo Eyng
Diretor de criação Raul Inácio Busarello
Assistente de arte Lígia Andrade Machado
Imagens da capa Pikisuperstar - Freepik.com
Editora executiva Patricia Biegging
Assistente editorial Peter Valmorbidia
Revisão Autores(as)
Organizadora Ana Taís Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T768 Trajetórias de pesquisa em comunicação: temas, heurísticas, objetos. Ana Taís Martins - organizadora. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 268p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-083-0 (brochura)
978-65-5939-084-7 (eBook)

1. Comunicação. 2. Imaginário. 3. Semiótica. 4. Recepção.
5. Jornalismo. I. Martins, Ana Taís. II. Título.

CDU: 659

CDD: 652

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.847

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 1

5

Nísia Martins do Rosário

A LINGUAGEM DO CORPO E OS FEIXES DE TRAÇOS DISTINTIVOS¹

¹ Esse artigo foi publicado anteriormente sob o título "Aproximações da linguagem do corpo pela semiótica da cultura" no GP Semiótica da Comunicação do 42º. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2019.

PANORAMA INICIAL

Esse artigo parte de um desejo – que na verdade tornou-se uma necessidade – de produzir um texto que sistematize e reflita sobre as contribuições que a semiótica da cultura (SC) pode dar às linguagens do corpo, no âmbito das corporalidades. Entende-se que essa reflexão também auxilia na avaliação do papel e da relevância da SC para as temáticas estudadas que, em sua maioria, têm se concentrado em aspectos de rupturas de sentidos, explosões semióticas, semioses periféricas e marginais.

É a partir desse cenário que se entende relevante construir um percurso de reflexão que sistematize algumas articulações entre corporalidades e semiótica da cultura. Para isso, esta abordagem está organizada em três partes. A seção que segue, trata da linguagem como elemento fundante dos estudos das corporalidades fazendo articulações com sistemas modelizantes, estruturalidades, códigos. O desdobramento desse assunto se dá na segunda seção, que faz um mergulho na linguagem do corpo propriamente e na noção de feixes de traços distintivos para propor um conjunto de elementos compositivos da linguagem do corpo que trazem à tona especificidades das estruturalidades e funcionamentos de tal sistema. Por fim, busca-se um fechamento – não definitivo - para essa reflexão ponderando sobre aspectos mais relevantes.

O MACROSSISTEMA DA LINGUAGEM

A linguagem é um dos conceitos de base que tem contribuído com os estudos das corporalidades até aqui desenvolvidos. Essa noção se torna importante na medida em que a pesquisa das corporalidades

se realiza no campo da comunicação e está estreitamente ligada aos processos de significação, aos sistemas semióticos e às rupturas de sentidos. Para Lotman e Uspenskii³⁸ (In LOTMAN; USPENKII; IVANOV, 1981, p.35 e 60) a linguagem é entendida como “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” e se, por um lado, ela cumpre uma função comunicativa, por outro, no sistema da cultura, lhe é destinado o papel de “proporcionar ao grupo social uma hipótese de comunicabilidade”. Nessa via, os autores compreendem a cultura como sistema de linguagens³⁹ que se atualiza no texto.

Os autores entendem esse conceito como um fenômeno em si mesmo que, no entanto, está agregado a outro sistema, o da cultura, e ambos constituem uma integralidade complexa que contempla sistemas modelizantes, códigos, processos de tradução, entre outros. O texto tem papel importante nesse complexo e, em grande parte das vezes, captura suas referências na tradição⁴⁰, a qual é acolhida no domínio da linguagem e, assim, é capaz de engendrar modelos habilitados a intensificar o processo de significação a partir de determinados paradigmas ativos.

No que se refere aos sistemas semióticos próprios da cultura, considerados de segundo grau, a especificidade está justamente na incompletude do seu ordenamento, o que garante uma performance específica e um dinamismo que não está presente nas línguas naturais.

38 Nessa obra o sobrenome Uspenskii está registrado com dois ‘i’.

39 No presente artigo o termo linguagem (no singular) é utilizado como o conceito macro, enquanto linguagens (no plural) é usado para tratar de sistemas semióticos específicos que se configuram a partir do conceito macro, como por exemplo a linguagem do corpo, a linguagem da mídia.

40 A preocupação com a tradução da tradição está já na *Teses para uma análise da Semiótica da Cultura* elaborado por membros da ETM. Machado (2003, p. 29) sistematiza a ideia de tradução da tradição entendendo-a como um mecanismo que está nos fundamentos da abordagem semiótica e que serve como base de contraposição ao experimental e à criação do novo.

É importante realçar o fato de que cultura e linguagem se constituem a partir da tensão recíproca entre o modo estático – que tende à estabilidade e a constância – e o modo dinâmico, o qual, de acordo com Machado (2013, p.85), é gerado na relação entre diferentes níveis construtivos e se sustenta “da luta e do conflito entre tais níveis – que podem ser assim denominados índices energéticos sem os quais não emerge a função estética”. Dessa forma, por um lado, a linguagem procura nexos por meio de normas e tende à estabilidade, ao ajuste, à convenção, bem como à previsibilidade e à regularidade. Por outro lado, tende a auto renovação por mutações e imprevisibilidades, com desvios parciais ou completos da norma e a necessidade de traduções complexas.

A linguagem é entendida aqui, portanto, como um domínio amplo e complexo capaz de organizar modos de comunicação a partir de sistemas semiótico específicos e em relação, ela abriga conceitos importantes para colocar em processo a comunicação e a significação. Seu funcionamento conta com a produção e articulação de um conjunto de regras definidoras de combinações cuja ordenação possui hierarquia própria e seu caráter multifacetado entra em estreita relação com a cultura, a qual também propicia modos de ordenar as informações presentes no mundo conferindo-lhes estruturalidades.

Se a linguagem articula comunicação, vincula também um sistema de modelização, de modo que essas duas funções se encontram diretamente relacionadas. A SC define dois tipos de sistemas modelizantes que são definidos por Irene Machado (2003, p. 167) como “sistemas constituídos por elementos e por regras combinatórias no sentido de criar estruturalidades”. O sistema modelizante de primeiro grau é aquele constituído pela língua natural; o de segundo grau é o sistema semiótico da cultura e, portanto, não linguístico, mas que mantém correlações com a língua. Nesse artigo nos ateremos aos sistemas modelizantes secundários. Eles se constituem a partir de

variadas combinações de signos, formando, assim, diferentes modelos culturais – como é o caso da arte, da religião, da literatura, do mito, da mídia, entre outros.

De acordo com Machado (2003, p. 50), a atenção aos sistemas modelizantes provém do interesse em examinar as linguagens “no sentido de valorizar o potencial comunicativo de suas práticas, manifestações ou fenômenos”. Eles, portanto, assumem um papel organizativo que permite comunicação e construção de textos inteligíveis, mas, paralelamente, desempenham também a função de controle pela limitação de possibilidades de composições textuais e pela prescrição de regularidades. O processo modelizante da semiótica foi assumindo importância na SC pela possibilidade que oferece de compreensão dos transcurso dos textos da cultura a partir do ato de modelizar, ou seja, de estudar os modos organizativos das linguagens (culturais) que não operam sobre a rigidez de uma gramática, tampouco contam com uma decodificação precisa. Machado (2003, p.163) observa que modelizar “traduz, portanto, um esforço de compreensão da signicidade de objetos culturais. Modelizar é semiotizar”.

Na esfera dos sistemas modelizantes se produzem modelos que vão sendo incorporados às formações textuais e vão compondo o arcabouço desses sistemas reverberando em codificações. A cultura contribui com os ‘dispositivos estereotipizados’⁴¹ permitindo a percepção de determinadas estruturalidades que habitam o seu centro. A partir dos modelos que vão se arranjando no centro da cultura, os textos tendem a se configurar por padrões de continuidades, previsibilidades e regularidades, uma vez que esses são os percursos de composição mais usuais e dominantes, garantindo a troca de informação, as semioses, mas também o controle do funcionamento do sistema. Por outro lado, na periferia se constituem outras estruturalidades, desta

41 Esse termo está em artigo desenvolvido por Lotman e Uspenskii, intitulado *Sobre o mecanismo semiótica da Cultura*, escrito em 1971 e publicado na obra *Ensaio de semiótica soviética* e na revista *Entretextos*.

vez com formações não evidentes e não determinadas. O recurso ao imprevisível, portanto, não pode ser desconsiderado, uma vez que tem o papel importante de tensionar códigos e provocar os sistemas modelizantes à reorganização.

São os textos culturais que têm a incumbência de colocar em disputa os significados, de tensionar⁴² as semioses por meio das irregularidades e das imprevisibilidades. A comunicação, então, vai construindo seus movimentos em, pelo menos, dois caminhos paralelos que se cruzam, se tensionam e se completam: da previsibilidade e da imprevisibilidade (Lotman, 1999). Ambas se estimulam reciprocamente, relacionam-se de forma dinâmica, por sucessão e por simultaneidade de vários estados. Seu funcionamento recíproco, mas igualmente consolidado na oposição, provoca a estabilização e a desestabilização (lutas de forças). Essa última é definida como uma linha de desenvolvimento que salta para uma nova: imprevisível e mais complexa. É o caminho da criatividade, do tensionamento e da explosão⁴³.

Como sistema de regras organizado culturalmente, os códigos têm papel importante de atribuir significados, encontrando espaço

42 A perspectiva de disputa de forças parece ser um dos aspectos mais interessante que perpassa a configuração da Escola Tartu Moscou e se apresenta mais detidamente no conceito de tensão que é referido por Lotman (1999) em *Cultura y explosión*. A tensão se configura como resistências de forças recíprocas entre campos em disputa no espaço semiótico e no processo de comunicação. Essa é uma peculiaridade relevante trazida pela SC e tem potencial de criação e disputa em relação às escolhas recorrentes e viciadas no ordinário. A tensão mostra-se relevante justamente porque ativa o dispositivo pensante do texto tanto no âmbito da produção quanto no da tradução, interpelando os processos semióticos, e desta maneira segundo Lotman (1990, p.15, tradução nossa), o significado “não é apenas um remanescente invariante que é preservado sob todos os tipos de operações transformacionais, mas também é o que é alterado, podemos afirmar que há um acréscimo de significado no processo de tais transformações”. Assim, as binariedades trazidas pela SC – sistêmico/extrasistêmico, próprio/alheio, cultura/não cultura etc – se configuram não como oposição, mas como disputa e interrelação.

43 Para Lotman (1999), explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. O autor observa ainda que a explosão é quase atemporal (justamente porque não está ligada à cronologia, mas não porque desconsidera a temporalidade). Assim, a explosão pode acontecer em diferentes ritmos de tempo.

no domínio da linguagem e organizando significados no processo de comunicação. Esse sistema de regras, todavia, não é unívoco, nem sempre rígido e fechado; o código organiza-se e renova-se a partir de contribuições de fenômenos culturais.

Uspenskii (In LOTMAN, USPENSKII, IVANOV, 1981, p.87) defende que o código “unifica o *socius* ao criar entre seus membros as condições duma comunicação (...). Por outro lado, organiza a própria informação, determinando uma seleção de factos significativos assim como o estabelecimento de um nexos preciso entre eles”. É importante considerar, nessa via, que mesmos fatos podem ter codificações diferentes a depender do tempo, do espaço, do contexto e isso é claramente perceptível na linguagem corporal se considerarmos, por exemplo, a diacronia do código de beleza feminina ao longo do século XX. A predominância do corpo caucasiano esteve bem presente em todo esse período, no entanto, as formas físicas foram se recodificando pela diminuição do peso corporal em relação ao aumento da altura. Marilyn Monroe, considerada ícone de beleza nos anos 50, tinha 1,65m de altura, 54 kg, 91 cm de busto, 60cm de cintura, 86cm de quadril. Gisele Bündchen, *ubermodele* do final do século tinha 1,80m, 53 kg, 66 cm de cintura, 92 cm de quadril, 87cm de busto. As formas físicas no mundo ocidental assumem papel de dispositivo estereotipado, produzindo modelos de corpo que correspondem ao padrão de beleza.

A LINGUAGEM DO CORPO

Para a linguagem do corpo tem-se por princípio que o seu sentido decodificável surge da associação de signos que vão compor um texto corporal com base na organização do domínio específico

das corporalidades⁴⁴, no qual se configuram determinadas normas, padrões, saberes, interesses e afetos de acordo com as disputas e lutas de força que se estabelecem nessa semiosfera. É relevante observar que o sistema modelizante das corporalidades, na cultura ocidental, é bastante rígido em relação a composições textuais estéticas, morais, comportamentais, sexuais – rastro de mecanismos de controle social. Obviamente, apoiados pela impossibilidade de completude organizativa dos sistemas modelizantes secundários, proliferam os textos corporais que rompem com os padrões impostos.

Ao serem mobilizados os códigos culturais que constituem as corporalidades, o sujeito se depara com alguns quase universais e com outros privativos de culturas ou de grupos de indivíduos. O usuário da linguagem precisa dominar esses diferentes códigos e as regularidades dos textos para produzir e perceber os sentidos e, obviamente, nem todos os sujeitos os dominam de forma igual e nem todas as culturas os codificam de forma unânime.

Na investigação sobre as corporalidades buscamos traços (estruturalidades) distintivos (LOTMAN, 1999) que, ao se articularem, operam como indicadores de sentidos, auxiliando a entender o processo de engendramento da linguagem na correlação com outros traços e que conformam as materialidades observáveis, os textos. Assim, considerando os processos de modelizar, pode-se afirmar a existência de elementos básicos da expressão do corpo que são comuns a determinados grupos sociais. São os traços distintivos que vão fornecer os elementos para a articulação e significação da comunicação corporal e o rompimento dos seus códigos materializados em textos semióticos.

44 De forma direta e simplificada assumimos o entendimento de que corporalidades referem-se a um domínio teórico-metodológica que estuda os elementos comunicacionais da ordem do corpo que se manifestam em sistemas semióticos diversos e que se organizam de acordo com contextos culturais. Do ponto de vista da comunicação, as corporalidades se realizam na dimensão das linguagens, uma vez que elas são capazes de afetar e serem afetadas pelo 'corpo- sujeito' e pela cultura.

A noção de traço assume importância na SC como alternativa à noção de totalidade, que não dava conta de explicar diferentes sistemas de signos e seus funcionamentos em um sistema apenas. Machado (2013, p.27) explica que: “contra a noção de totalidade, os semioticistas propuseram a noção de traço (...) o que está ao alcance da abordagem semiótica são os traços que constituem diferentes sistemas de signos”. Segundo a autora, a noção de traço tem inspiração no conceito de fonema de Jakobson, porém não é entendido como unidade, mas como “feixes de traços distintivos, cuja ação produz os signos da língua”. Essa perspectiva da SC é instigante para pensar os feixes de traços distintivos (FTD) nas corporalidades como combinatórias em relação, as quais articulam a possibilidade de criar nexos no processo de comunicação.

Entendeu-se ser pertinente, inicialmente, agrupar os principais traços distintivos que fomentam a expressão não verbal do corpo em conjuntos com potencialidades significantes, sistematizando-os de tal maneira que se organizem a partir de características e funções comuns. Por outras palavras, a conformação de feixes de traços distintivos da linguagem do corpo apresentada aqui busca refletir sobre as especificidades e as estruturalidades desse complexo domínio, bem como organizar indicadores de sentidos que auxiliem a entender o processo de engendramento da significação. Eles não são explorados em profundidade neste artigo, mas apresentados como indicativos.

a. Traços étnicos

As marcas relativas à etnia constroem sentidos sobre o ser humano mesmo antes de ele emitir um som ou levantar a sobrancelha para um cumprimento. A manifestação desses traços não pode ser evitada, do mesmo modo que sua significação e, assim, sua comunicação vão acontecer independentemente da vontade dos sujeitos que as manifestam.

Nas regulações do sistema modelizantes sobre a etnia, é relevante, por exemplo, como o movimento de mulheres negras que assumem os traços originais de seus cabelos tem sido capaz de tensionar a estética feminina e fazer os códigos de beleza se deslocarem acolhendo o cabelo afro, mas sobretudo, auxiliando a tensionar o lugar da negritude na periferia da semiosfera e sua direção ao centro. Claro que se observa resistências a esses tensionamentos, o que expressa o percurso das disputas de sentido que se dão nessa semiosfera.

Constituem o feixe de traços distintivos das características étnicas, principalmente: a cor da pele, a cor e textura do cabelo, o formato dos olhos, dos lábios e do nariz. Essas características vão determinar a inserção do sujeito em um grupo, impondo-lhe determinados sentidos culturais.

b. Traços de gênero

O gênero ocupa uma dimensão importante na significação do ser no mundo (tanto quanto os traços étnicos). Os sistemas modelizantes têm operado com rigor nesse âmbito produzindo e legitimando o sistema binário masculino/feminino. Dessa forma, os traços de gênero contribuem para a definição de identidades sociais dos indivíduos a partir do pertencimento e da diferenciação das feminilidades e das masculinidades. No processo de significação esses traços incluem sexo biológico, identidade de gênero e preferências sexuais e são codificados pelo volume dos seios/ amplitude do tórax, tamanho do quadril, formato do rosto, corte de cabelo, forma da cintura, entre outros.

Recentemente o sistema semiótico de gênero tem sido tensionado socialmente pelas manifestações e ações LGBTQ+ e pelos estudos acadêmicos feministas, provocando fortes rupturas de sentido que entram em disputas com codificações fincadas na tradição.

c. Traços físicos individuais

Os traços físicos individuais estão fortemente associados à estética e à saúde na cultura ocidental, e são determinantes de status social, de pertencimento a determinados grupos e até de aceitação. Os traços-padrão que constituem esse âmbito são determinados a partir de valores estabelecidos pela sociedade da produção: de beleza, de saúde, de comedimento. Nessa modelização não há muito espaço para estaturas baixas, narizes achatados, cabelos pixaim, barrigas proeminentes, quadris avantajados, celulite, flacidez, entre outros.

Os recursos expressivos desses traços podem se dar em, no mínimo, dois âmbitos. Um deles é o das linhas e formas do rosto, considerando, por exemplo, o desenho da sobrancelha, o tamanho e forma dos olhos, do nariz, dos lábios, o tamanho e ângulo do rosto. O outro diz respeito às linhas e formas do tórax, do peito, dos quadris, das pernas, dos braços e mesmo das mãos – tendo em vista volumes, distribuição de massa, tonicidade, comprimento e harmonia dos membros.

A partir da percepção desses traços e de suas combinações é possível encontrar efeitos de sentidos refletidos em: idade, beleza, altura, entre outros.

d. Gestos

Todo o gesto implica em movimento, é uma ação e pode variar de acordo com a velocidade, a força empregada e a amplitude, segundo Morris (1985). Mas, para Birdwhistell (*apud* Morris), é a intensidade que vai ajudar a diminuir a ambiguidade da mensagem gestual. O gesto, em geral, se compõe na complementaridade com a postura, mas se atualiza principalmente no deslocamento das mãos, braços e pernas. Dessa forma, modelizá-lo implica considerar um conjunto de posições dos membros do corpo na sua relação com o movimento provocado

por eles. Nesse âmbito, é preciso considerar que um mesmo gesto pode conter mais de um sentido e, por outro lado, vários gestos podem ter apenas um significado. Sua inserção em um contexto é que vai determinar a diferenciação e a sua conseqüente significação.

Esses traços distintivos utilizam-se muito da cinésica que tem como principal alvo o gesto convencional dotado de valor significativo. Guiraud (2001, p.59) define a cinésica como “o estudo dos gestos e mímicas utilizados como signos de comunicação, quer por si sós, quer como acompanhamento da linguagem articulada”. Tais traços terão fluxo cinésico quando passam a apresentar características de ordem, regularidade e previsibilidade.

e. Posturas

A decodificação da postura é muito associada a traços de personalidade e a estados emocionais⁴⁵, entretanto, apresenta uma vasta gama de sentidos que extrapolam esses significados mais usuais. Articula-se numa combinação complexa dos diversos membros do corpo – cabeça, pescoço, ombro, abdômen, braços e pernas. Vale lembrar que o corpo humano tem a capacidade de assumir cerca de mil posturas diferentes, todas elas em posições imóveis. Apesar de serem relativamente fáceis de identificar, entender seus efeitos de sentido exige que se observe a totalidade dos membros em sua inter-relação.

f. Expressões faciais

A expressão facial apresenta uma complexa rede de significações, fruto da inter-relação de olhos, sobrancelhas, músculos

⁴⁵ Há um forte consenso no que diz respeito aos efeitos de sentidos articulados por determinados recursos expressivos, como, por exemplo: costas arqueadas, ombros caídos e cabeça baixa indicam pessoas depressivas; peito para frente, ombros para trás e cabeça erguida indicam pessoa corajosa e arrojada. Esses códigos parecem já estar estabelecidos na maioria dos grupos sociais do ocidente, porém, é preciso examinar a postura com mais atenção.

da testa, nariz, lábios, queixo. A combinação de todas essas partes do rosto, com suas diversas nuances, resulta numa vasta gama de recursos expressivos da face. Segundo Flora Davis (1979) o rosto é capaz de transmitir mais de mil expressões e adquire ainda mais significado porque é, praticamente, a única parte do corpo humano ocidental que está constantemente desnuda.

Pode-se considerar uma série de formas de olhar que se engendram a partir da conformação adotada pela posição dos músculos dos olhos, pelo tamanho da pupila, pela intensidade (tempo), pela direção e pela distância. Por outro lado, pode-se considerar uma gama bastante variada de posições assumidas pelos músculos labiais, todas essas articulações oferecem uma diversidade de efeitos de sentido que podem variar do choro até o riso.

g. Espacialidades

Não há caminho para entender a comunicação do corpo sem passar pela utilização dos espaços. A importância da semiótica do espaço, a proxêmica – instituída por Edward T. Hall –, para a análise do corpo, é justificada por Villaça e Góes (1998, p.76): “Os corpos são objetos marcados pelas normas culturais e a leitura de suas articulações, de sua maior ou menor proximidade, possibilita a compreensão da organização social”. Já Guiraud (2001, p.76/77) diz que, para o indivíduo, o espaço é fundamental e cada cultura estabelece os limites de aproximação e distanciamento entre indivíduos pelo uso do espaço. Morris (1985) estabelece três tipos de territorialidades: a tribal, a familiar e a pessoal. Já Hall (1999) defende como distâncias relevantes: a pública, a social, a pessoal e a íntima.

h. Tatilidades

Menos utilizadas nos processos comunicativos, as tatilidades envolvem o maior órgão do corpo humano, a pele e, como já se sabe,

elas podem ser experienciadas no contato por qualquer das partes que recobrem o físico: mãos, lábios, bochechas, cintura, quadril, coxas, pés, pescoço etc.

A intimidade estimulada pelas tatilidades pode provocar semioses da ordem da familiaridade, da sexualidade, do carinho, mas também da agressividade (através de um soco, por exemplo), da raiva e do ódio. Observe-se que as tatilidades sofrem um regramento bastante severo dos sistemas modelizantes, tornando o toque em grande parte das vezes proibitivo ou contraindicado em público seja pelo toque de um indivíduo em outro, seja pelo toque no próprio corpo ou pelo toque em determinados objetos.

i. Olfatividades

As olfatividades constituem um feixe de traços distintivos do corpo que se manifesta na sua invisibilidade, só perceptível pelo nariz por meio de signos voláteis, sendo bastante útil ao paladar na constituição de sentidos, mas também importante para identificar ambientes, objetos e situações.

Um dos pontos principais ligados às semioses das olfatividades é a supressão a que o cheiro humano é submetido. Tem-se regulações e códigos bem específicos para os odores que podem emanar dos corpos, tudo que é exterior ao corpo pode exalar aromas, mas o que vem dele (de suas entranhas) não. Sobre a pele são aprovados apenas os perfumes passados em pulsos, pescoço e outras partes do corpo, ou os aromas dos shampoos, sabonetes, condicionadores. Esses odores auxiliam na exclusão do 'cheiro original' e na elaboração de semioses relativas a nível social, elegância, higiene, entre outros.

j. Gustatividades

A semiotização pela boca (e seus inúmeros receptores) tem relevância por estar associada a primitividade e a instintividade humana

tendo em vista que só existimos em função de nos alimentarmos, e, portanto, ela tem caráter de sobrevivência.

Os traços distintivos das gustatividades estão associados aos sabores (doce, salgado, amargo, ácido); além da instintividade que direciona nossa preferência pelo doce⁴⁶, seus significados culturais e individuais estão conectados a prazeres básicos dos seres humanos. As modelizações culturais acabam determinando as preferências do paladar pela regularidade (hábito) de determinados alimentos, estabelecendo que crianças alemãs, por exemplo, 'gostem' mais de queijo, linguiça e pão. Enfim, o desenvolvimento do paladar é cultural, o que nos leva à máxima: não comemos algo porque achamos bom, mas achamos bom porque estamos acostumados.

k. Vestimentas, adereços, maquiagem

A roupa incorpora o caráter das relações sociais, deixando explícitos gostos, propensões, estilos e manifestações de ideias. Os tipos de peças que compõem o vestuário e a quantidade delas ajuda a determinar o clima, a situação, a proposta pessoal, entre outros. Assim, o estilo, a textura do tecido, o comprimento, o caimento, o tamanho formam os principais traços distintivos desse subdomínio. No que se refere à cor, as vestimentas e adereços vão-se compondo na linha do tempo e do espaço, seguindo, com certa rigidez, os padrões impostos pela moda, mas, também, as preferências pessoais dos sujeitos. É importante observar que, além da forma utilitarista, o vestuário tem caráter lúdico que se apresenta na fantasia, no jogo e no humor conforme observa Lipovetsky (1989).

O vestuário, os adereços e a maquiagem instituem discursos variados, como o da diferenciação, da sedução, do *status*, da beleza, da dominação. Nessas 'falas', é possível vislumbrar aspectos importantes

⁴⁶ Informação da nutróloga Cristiane Brombach, disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/paladar-%C3%A9-uma-quest%C3%A3o-cultural-diz-especialista/av-47964509>

de semiotização atrelados às características e às funções assumidas. Esses traços, em grande parte das vezes, organizam semioses da ordem estética visando encobrir o feio e descobrir o belo. Outra semiose é da ordem da aparência e busca mostrar, pela exterioridade, aqueles aspectos que vão confirmar a diferenciação dos indivíduos, distinguindo, por exemplo, a classe social e a profissão, mas coloca, também, o bom gosto em oposição ao desleixo, a sofisticação em oposição à simplicidade.

Os adereços, objetos pessoais e a maquiagem também participam do processo de construção de sentidos do corpo, ajudando homens e mulheres a mascararem-se, escondendo detalhes e ressaltando outros por meio de celulares, brincos, colares, anéis, pulseiras, relógios, óculos, pingentes, perucas, tatuagens, tintas, bases, cremes, entre outros. Esses elementos refletem efeitos de sentido mais específicos ao se investigar formas, texturas, volumes, cores, materiais e tamanhos.

Através dos processos de 'adereçamento' e de embelezamento, que também buscam guarida na maquiagem, os sujeitos podem buscar adaptar-se aos preceitos dos sistemas modelizantes, bem como a novos modos de expressão ou apenas 'estar junto', conforme coloca Maffesoli (1999, p167/8): "Pintar-se, tatuar-se, enfeitar-se com adereços, em suma, cosmetizar-se, tudo isso tem um papel sacramental: tornar visível essa graça invisível que é estar junto".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos corporais produzem comunicação que não se encarna no verbo propriamente, mas em formas, cores, cheiros, tons, movimentos, sons, gostos entre outros e, dessa maneira, engendram

discursos de vontade de verdade, beleza, inteligência, criatividade, mas também de exclusão, disciplina, autoria (considerando Foucault, 1996). Boa parte desses discursos se articulam pelo não verbal, para o que se dá pouca atenção do ponto de vista científico.

Sem dúvida, todos somos capturados por uma institucionalização do corpo que se organiza por meio dos sistemas modelizantes e direciona-se à dominação, ao mesmo tempo ela é afetada por lutas e disputas de sentido e de controle.

Os textos corporais, contudo, traduzem apenas uma porção da realidade por meio de codificações partilhadas. Uma vez que a totalidade não se realiza nos textos corporais e seus sistemas semióticos, a SC opera sobre a noção de traço, que dá investidura à abordagem semiótica que busca compreender a linguagem do corpo na cultura e na comunicação por meio da linguagem. Assim, o estudo das semioses dos textos corporais pode ser experimentado por meio de feixes de traços distintivos em interação, que se articulam com diferentes sistemas semióticos configurando um sistema aberto, permitindo distinguir as regularidades, as singularidades, as linhas de fuga e as conexões entre elas. Os traços apresentados aqui não têm como propósito garantir todas as complexas formações da linguagem do corpo, mas apenas revelar aquelas que têm se apresentado com mais intensidades nos estudos realizados.

É importante lembrar que os traços isolados, entretanto, nada significam, mas só nas suas relações. Acreditamos que no processo de modelização de feixe de traços distintivos do corpo é possível sistematizar algumas das estruturalidades e funcionamentos da sua linguagem no *continuum* semiótico que Lotman chama de semiosfera. Nesse mesmo processo, também nos damos conta que há traduções que ficam na fronteira da semiosfera, que são dispersas, que se organizam sobre intradutibilidades, rompimento de códigos, com potencial para conformar linhas de fuga, desterritorializações

(Deleuze e Guattari, 2000), explosão (Lotman, 1999) e, inclusive, reorganização das linguagens, tensionamento das normatizações e das regularizações. Os corpos que importam às pesquisas das corporalidades são justamente esses que deslocam e reterritorializam processos de tradução.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, F. *A comunicação não-verbal*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- DELEUZE, G.; GAUTTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. vol I. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUIRAUD, Pierre. *A linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LOTMAN; USPENKII; IVANOV, V. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p.35 e 60)
- LOTMAN, I.; USPENSKI. Investigaciones semióticas. Entretexos – Revista eletrônica semestral de estudos semióticos de la cultura. Granada, n.10. Nov, 2007
- LOTMAN, I. *Cultura y explosión*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. *Estética e semiótica do cinema*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- _____. *Universe of mind. A Semiotic theory of culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- MACHADO, I. *Escola de Semiótica*. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.
- _____. Método, modelizações e semiótica como ciência humana. *Estudos semióticos*. São Paulo. V.9, n.2, p. 77-87. Dez, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORRIS, D. *Manwatching* – a field guide to human behaviour. London: Triad Panther, 1985.

VILLAÇA, N.; GÓES, F. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.